

A alteridade na clínica centrada na pessoa: meu en-contro com Peter Schmid

Prof. Emanuel Meireles
Universidade Federal do Ceará

Peter Schmid e a ACP

- Desloca o interesse da técnica e da epistemologia para a ética
- Define uma espécie de antropologia filosófica como fundamento para a ACP – o que é ser uma pessoa?
- Trata a relação terapêutica como uma relação de reconhecimento do outro
- O terapeuta é deslocado para a função de especialista em não ser especialista
- Situa o lugar da diferença numa teoria que tende a super valorizar o eu, o acordo, o genuíno
- Entende a relação como en-contro e afetação que resulta em presença
- Meu percurso com a obra – encontro tardio e enriquecedor

A ética da alteridade radical

- Desloca o interesse da técnica e da epistemologia para a ética
- Define uma espécie de antropologia filosófica como fundamento para a ACP – o que é ser uma pessoa?
- Trata a relação terapêutica como uma relação de reconhecimento do outro
- O terapeuta é deslocado para a função de especialista em não ser especialista
- Situa o lugar da diferença numa teoria que tende a super valorizar o eu, o acordo, o genuíno
- Entende a relação como en-contro e afetação que resulta em presença

A ética da alteridade radical

Lévinas: judeu e prisioneiro de guerra – a modernidade e sua necessidade de totalização como condição para a guerra

A ética antecede a ontologia

A questão do ser x colocar o ser em questão

O Outro não se oferece à posse, não pode ser desvelado – contraposição à tradição fenomenológica (má consciência de...)

Totalidade e Infinito

O Outro como condição de possibilidade para o eu – uma casa com portas e janelas abertas à visita do estrangeiro

A invenção do eu e a Psicologia – pistas para a compreensão ética do campo

- A necessidade de uma subjetividade privatizada
- Previsão e controle – o mundo passa a ser pensado como um cálculo matemático
- A busca da pureza do sujeito epistêmico pleno
- O sujeito epistêmico pleno e a necessidade de controle – da contemplação à manipulação do mundo
- Razão, verdade e liberdade como pilares de uma ideia de autossuficiência
- A moralidade é uma tarefa individual e que pretende sufocar as paixões, obstáculos para um conhecimento seguro e claro
- As intempéries da existência e o sujeito psicológico – as fendas na plenitude
- O psicológico como o dejetivo da plenitude

O território da ignorância

- O Outro como uma questão para a psicologia – o eu visto pelo avesso
- Que morada cada teoria oferece para a diferença?
- Psicologias se agrupam mais por questões éticas do que epistemológicas
- Polos axiológicos: romântico, liberal e disciplinar – instalações do humano (impossibilidade de síntese)

Moradas para a ACP no território da ignorância

- Não há uma discussão explícita sobre ética
- Discussão técnica x atitudes
- A natureza humana – uma teleologia bem definida
- Debate com Skinner – diferença filosófica
- Debate com Rollo May
- Consonância com o sujeito autocentrado da modernidade
- Polos romântico e liberal – disciplinar também?
- Implicações ético-políticas

Ex-centricidades para uma psicologia centrada na pessoa

- A aposta na natureza humana
- A pessoa em pleno funcionamento – uma cópia do terapeuta? Um modelo de saúde?
- Consideração positiva incondicional ou relação com o que está por vir?
- A avaliação dos juízes na pesquisa de 1967
- Os compromissos de Rogers com a ciência – luz e sombra
- A integração como uma insistência rogeriana – qual o lugar do disruptivo?
- A experiência que tensiona a teorização – cientista x pessoa
- Fendas pela via da experiência
- Por uma nova compreensão das fases do pensamento rogeriano

Figuras de alteridade na formação do terapeuta

- O emprego de atitudes e valores pessoais e antecede a técnica (Araújo e Freire, 2014)
- Pessoa como dependência e independência – Schmid
- A presença como elemento-chave – qual minha disponibilidade para abrir mão do controle e encontrar o inesperado?
- O Outro do desconhecimento – o especialista em não ser especialista
- O Outro da diferenciação – há um como se, um limite
- O Outro da sensibilidade – “não se compreende música, ouve-se...” - vulnerabilidade

A relação com a alteridade em terapeutas iniciantes

- Movimento em espiral entre as fases
- Há um todo que se modifica entre aceitar, compreender e ser genuíno
- O que muda ao longo do tempo é a disponibilidade para travar contato com a experiência presente
- A experiência se impõe como alteridade e desloca o terapeuta
- Reconhecimento que antecede o conhecimento
- Como isso aparece na prática clínica de terapeutas iniciantes?

Como terapeutas iniciantes lidam com a alteridade?

- Preocupação inicial com fazer certo
- “E eu digo o quê”?
- “Quando se realiza o viver, pergunta-se: ‘mas era só isso?’. Não. É exatamente isto”
- Fases do terapeuta muito similares às fases da própria abordagem
- Pesquisas normalmente focam na habilidade do terapeuta – qual o lugar do estranho?
- Como terapeutas iniciantes vivem esse contato com a diferença?

A condição do plantonista

- Deslocamento radical do lugar de especialista;
- A arte do não-saber e o outro como enigma – caminho apontado por pesquisas
- Ouvir é abrir-se para o que rompe os limites do conhecido
- Sabedoria residente na ignorância
- Conhecimento < reconhecimento
- A presença como chave do reconhecimento (exemplo)
- A escuta do estranho de si

Implicações da condição do plantonista

- Conexão com o outro, consigo e com a relação
- A missão é facilitar a comunicação
- O outro é uma provocação que molda a indisciplina do plantonista
- O reconhecimento não é uma ferramenta, mas um fim
- Movimento pendular entre o estranho e o já conhecido
- Convite a um novo posicionamento ainda que sobre o mesmo conteúdo (fala autêntica)

Relação que mobiliza: contato com a experiência

- A experiência como ameaça à estrutura do eu – a função da escuta
- O plantão e a reorganização da experiência pelo olhar do outro
- A relação terapêutica radicalizada – segurança e calor diante da incerteza
- A abertura como atitude fundamental
- O trânsito entre o saber e o não-saber
- Entre a disponibilidade e o preparo – a pessoa e o cientista
- Empatia e deslocamento – O Outro como um desafio

Olhar para a experiência como exercício não-natural

- Experiência como aquilo que se nos passa, nos atravessa – passividade (parar, ouvir, ser tocado) – qual o lugar disso no contemporâneo? Onde fica o organismo diante do conflito entre self e cultura?
- A informação como anti-experiência – o excesso de informação contemporâneo e os manuais de felicidade e vida bem-sucedida (como fazemos nossas escolhas mais significativas? O espanto diante das perguntas mais importantes)
- A opinião como uma barreira à experiência – para ser tocado por algo, é preciso deixar que esse algo se manifeste como é, sem julgar
- A falta de tempo para a experiência - a novidade se impõe à significância da experiência, ao silêncio e à memória, como se a vida fosse um grande catálogo da Netflix
- O trabalho (imposição do saber, do poder e da vontade) como inimigos da experiência – o self made man
- A necessidade da exposição – a si e ao outro

Sociedade do cansaço e relação com a alteridade no contemporâneo

- A sociedade disciplinar deu lugar à do desempenho
- No lugar da proibição, iniciativa e motivação – os super poderes do eu
- Sociedade da liberdade e da boa vontade
- O aprofundamento deste cenário na pandemia

Sociedade do cansaço e relação com a alteridade no contemporâneo

- Cada um se comporta para ser si mesmo e se libertar das amarras da cultura – riscos implicados no discurso humanista
- O eu vira seu algoz e vítima, se coação externa (ensimesmamento)
- Hiperatenção como contraponto ao tédio – a antiexperiência
- A importância da hesitação – alteridade (resistência) como elemento fundamental
- Qual o lugar da ira, da angústia, do tédio? Qual o lugar da afetação?

Sociedade do cansaço e relação com a alteridade no contemporâneo

- Os perigos do eu ilimitado, flexível e em evolução
- O excesso de positividade só admite continuar pensando – esgotamento
- O eu como um empreendimento e uma meta inatingível – vive na carência e na culpa
- Burnout, depressão e ensimesmamento
- Incapaz de elaborar o conflito
- A sociedade paliativa – o corpo toma o lugar da palavra e é incapaz de elaborar pela narrativa

Sociedade do cansaço e relação com a alteridade no contemporâneo

- O foco no ego dificulta a escuta
- Escutar não é um ato passivo – exige boas vindas ao outro
- É um espaço de ressonância para que o outro fale livremente
- No lugar do ego narcisista, um desejo pelo outro
- A cultura do curtir rejeita toda forma de ferida e trepidação – quem se esquia da ferida não experimenta nada
- A ferida é a porta aberta para o outro
- Escutar é ter uma participação política na existência do outro
- Qual a socialidade do sofrimento?
- A barulhenta sociedade do cansaço é surda – política neoliberal desfaz o tempo do outro

O encontro com o Outro: a clínica como resistência à sociedade do cansaço

- A tensão entre o cientista e o experientialista
- A tentativa de apaziguamento de Rogers – mais uma vez tenta dirimir tensões, integrar
- A prática terapêutica como um pêndulo entre familiaridade e estranheza
- A supervisão como uma oportunidade para travar contato com a diferença e aprender por essa via
- Não é sobre a relação que incide a supervisão, mas sobre a abertura à diferença por parte do terapeuta – a presença
- Presença e disponibilidade – disposição para ser si mesmo e ser tocado pelo outro na relação
- Presença leva a encontro – ser com e ser contra (Schmid)

Tarefas éticas urgentes para a ACP – o futuro

- Superação de uma ideia de natureza humana
- De que humano(s) estamos falando?
- O tensionamento interseccional
- Por práticas e saberes locais centrados em que tipo de pessoa? -
contraponto ao Rogers de sobre o poder pessoal
- Rogers: homem de seu tempo e lugar – qual é o nosso?